

FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM OS CUS DE JUDAS E MAYOMBE

Haidê Silva (USP)¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar de que forma se relacionam Ficção, História e Memória nas obras *Os cus de Judas*, de Antonio Lobo Antunes e *Mayombe* de Pepetela. No romance *Os cus de Judas*, o momento histórico que corresponde à guerra colonial na África no começo dos anos de 1970 é questionado por meio da ficção. *Mayombe* recompõe o cotidiano dos guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), ou seja, daqueles que buscavam construir uma nova Angola, livre da colonização.

Palavras-chave: Ficção; História; Memória; Os Cus de Judas; Mayombe


Introdução

O objetivo do presente trabalho é analisar de que forma se relacionam Ficção, História e Memória nas obras *Os cus de Judas*, de Antonio Lobo Antunes e *Mayombe* de Pepetela. No romance *Os cus de Judas*, o momento histórico que corresponde à guerra colonial na África no começo dos anos de 1970 é questionado por meio da ficção, com a finalidade de esclarecer que não existe uma única verdade a respeito do passado, revisitado neste romance, para que possa, finalmente, ser compreendido sob uma nova perspectiva, o que sugere que as verdades são muitas e o registro histórico documentado constitui apenas uma delas.

A ficção portuguesa, no geral, e a obra de Lobo Antunes, em particular, constituem um material que permite o diálogo com a história na medida em que focalizam, de um ponto de vista crítico, as guerras que antecederam a libertação das colônias portuguesas na África, sob o ponto de vista de uma geração que vivenciou os prejuízos causados à população portuguesa, principalmente aos que foram obrigados a participar, direta ou indiretamente, da guerra nas colônias africanas.

A geração que sobreviveu à guerra, e que depositou suas esperanças na Revolução dos Cravos, na realidade não colheu os frutos dessa revolução porque não

¹ Doutora em Letras (USP). Contato: haidesilva1@terra.com.br.



fazia parte da classe social que estava no poder. *Os Cus de Judas* registra a história desses heróis miseráveis, para os quais não existe lugar na História do país. Nesse contexto, a ficção de Lobo Antunes registra a história que a História portuguesa despreza.

Mayombe, publicado em 1980, recompõe o cotidiano dos guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), em luta contra o colonialismo e, portanto, aborda as ações, os sentimentos e as reflexões do grupo de guerrilheiros, e as contradições e conflitos que permeavam as relações daqueles que buscavam construir uma nova Angola, livre da colonização.


No entanto, a variedade do foco narrativo, que dá voz tanto ao narrador quanto aos guerrilheiros, demonstra que nem mesmo a revolução se organiza como um conjunto, e assim é vista de forma diferente e conflitante pelos próprios guerrilheiros, pois cada um desses narradores/personagens tem origem, ideologia, visão e propostas próprias, e portanto, possuem ideais distintos que os impedem de lutar pela mesma unidade libertadora.

Os Cus de Judas

Em *Os cus de Judas*, a história da guerra em Angola é relatada do ponto de vista de um médico psiquiatra, que acumula as funções de narrador e de personagem, e que conta a sua história da guerra em Angola, enquanto perambula pelos bares de Lisboa, às mulheres que encontra casualmente, interlocutoras que não dialogam com o narrador, mas apenas o escutam passivamente, e às quais ele pede atenção:

Escute. Olhe para mim e escute, preciso tanto que me escute, me escute com a mesma atenção ansiosa com que nós ouvíamos os apelos do rádio da coluna debaixo de fogo, [...] escute-me tal como eu me debrucei para o hálito do nosso primeiro morto na desesperada esperança de que respirasse ainda, o morto que embrulhei num cobertor e coloquei no meu quarto, era a seguir ao almoço e um torpor esquisito bambeava-me as pernas (ANTUNES, 1984)

O médico retornou transtornado com as lembranças da morte e do sofrimento dos colegas. No entanto, como a guerra em Angola não serviu para assegurar a




heroicidade do povo português, a História oficial não se ocupou dela e, portanto, pode parecer que tal guerra nunca existiu. Tal esquecimento provoca a indignação do narrador:

Por que camandro é que não se fala nisto? Começo a pensar que o milhão e quinhentos mil homens que passaram por África não existiram nunca e lhe estou contando uma espécie de romance de mau gosto impossível de acreditar, uma história inventada que a comovo a fim de conseguir mais depressa [...] que você veja nascer comigo a manhã na claridade azul pálida que fura as persianas e sobe dos lençóis, [...] Há quanto tempo não consigo dormir? Entro na noite como um vagabundo furtivo com bilhete de segunda classe numa carruagem de primeira, passageiro clandestino dos meus desânimos encolhido numa inércia que me aproxima dos defuntos e que a vodca anima de um frenesi postiço e caprichoso, e às três da manhã vêm-me chegar aos bares ainda abertos, navegando nas águas paradas de quem não espera a surpresa de nenhum milagre, a equilibrar com dificuldade na boca o peso fingido de um sorriso. (ANTUNES, 1984)

A personagem viveu em África, particularmente em Angola por vinte e cinco meses, a partir de 1971, enquanto médico da tropa, que os governantes portugueses enviaram para reprimir as tentativas de independência da última colônia portuguesa que reivindicava liberdade. Dessa forma, o contexto histórico que vivenciou, interferiu significativamente em sua vida:

o medo, percebe, me tolhia o menor gesto de revolta, o meu egoísmo queria regressar inteiro e depressa antes que uma porta de prisão se fechasse, impeditiva, à minha frente, regressar e esquecer e retomar o hospital e a escrita e a família e o cinema ao sábado e os amigos como se nada me tivesse, entretanto, sucedido, desembarcar na Rocha do Conde de Óbidos e declarar dentro de mim Era tudo mentira e acordei, e todavia, entende, em noites como esta, em que o álcool me acentua o abandono e a solidão e me acho no fundo de um poço interior demasiado alto, demasiado estreito, demasiado liso, surge dentro de mim, tão nítida com há oito anos, a lembrança da covardia e do comodismo que cuidava afogados para sempre numa qualquer gaveta perdida da memória, e uma espécie de, como exprimir-me?, remorso, leva-me a acocorar-me num ângulo do meu quarto como um bicho acossado, branco de vergonha e de pavor, aguardando, de joelhos na boca, a manhã que não chega. (ANTUNES, 1984)

Diante da impossibilidade de retomar os projetos que deixou, de esquecer o passado, de fingir que nada aconteceu, e da dívida para com a memória dos colegas mortos, só restou ao narrador-personagem reconstituir os fatos históricos através da



memória que conserva deles. A respeito das relações difíceis entre história e memória e do trabalho inseparável de lembrança e esquecimento, Montolli (2013), afirma que:


Na apreensão da relação da memória à história, Ricoeur (2007) detecta a verdade como sendo o elemento comum entre ambas. Segundo esse autor, a busca do passado, visando à exatidão, à fidelidade, à verdade, tende a invalidar a ideia da equivalência da memória à imaginação. Se esta última se identifica com o irreal e com a ficção, a memória, apesar de sua fragilidade e de seus enganos, visa, ao contrário, à fidelidade e à verdade. A história reencontra, então, a memória nessa sua ambição de verdade. (MONTOLLI, 2013)

Assim, auxiliado pela memória, e apesar de oito anos de distanciamento no tempo e no espaço, a personagem descreve detalhadamente os lugares pelos quais passou: o calor, a precariedade das instalações no hospital improvisado, a miséria da população local, a dor dos colegas feridos e o quanto se sentiu impotente diante de tudo isso

tudo aquilo, a tensão, a falta de comida decente, os alojamentos precários, a água que os filtros transformavam numa papa de papel-cavalinho indigesta, o gigantesco, inacreditável absurdo da guerra, [...] Internados em enfermarias desconjuntadas, vestidos com o uniforme dos doentes, passeávamos na cerca de areia do quartel os nossos sonhos incommunicáveis, a nossa angústia informe, os nossos passados vistos pelo binóculo ao contrário das cartas da família e dos retratos guardados no fundo das malas sob a cama, vestígios pré-históricos a partir dos quais poderíamos conceber, como os biólogos examinando uma falange, o esqueleto monstruoso da nossa amargura. (ANTUNES, 1984)

A situação precária a qual foi submetida explica o processo de transformação da personagem, em consequência da guerra, o que a impede de voltar ao trabalho e de relacionar-se com os outros, após o retorno a Portugal

Porque foi nisto que me transformei, que me transformaram, Sofia: uma criatura envelhecida e cínica a rir de si própria e dos outros o riso invejoso, azedo, cruel dos defuntos, o riso sádico e mudo dos defuntos, o repulsivo riso gorduroso dos defuntos, e a apodrecer por dentro, à luz do uísque, como apodrecem os retratos nos albuns, magoadamente, dissolvendo-se devagarinho numa confusão de bigodes. (ANTUNES, 1984)



Nesse contexto, a personagem não se refere ao passado de forma nostálgica. A relação que mantém com o passado é tensa e problematizadora, porque não retorna a ele de forma inocente: pretende revisar suas atitudes, questionar a política implementada pelo Estado Novo e deixar registrada a história da guerra:


De pé, à porta da sala de operações, com os cães do quartel a farejarem-me a roupa, gulosos do sangue dos meus camaradas feridos, a lamberem o sangue dos meus camaradas feridos nas nódoas escuras das minhas calças, da minha camisa, dos pêlos claros dos meus braços, eu odiava, Sofia, os que nos mentiam e nos oprimiam, nos humilhavam e nos matavam em Angola, os senhores sérios e dignos que de Lisboa nos apunhalavam em Angola, os políticos, os magistrados, os policiais, os bufos, os bispos, os que ao som de hinos e discursos nos enxotavam para os navios da guerra e nos mandavam para África, nos mandavam morrer em África e teciam às nossas voltas melopéias sinistras de vampiros. (ANTUNES, 1984).

Dessa forma, os acontecimentos históricos são problematizados com o objetivo de questionar o passado, revisando-o à luz do presente. Portanto, não existe retorno nostálgico e sim recuperação problematizadora, já que o diálogo com o passado permite que a personagem entenda o que esteve fazendo em Angola e também compreenda que representava os interesses imperialistas da nação portuguesa.

Portanto, aquilo que não compreendia muito bem no passado, ou seja, no momento da guerra, aparece recontextualizado e ressignificado à luz do presente. Assim, a personagem faz uma recapitulação do seu passado com a finalidade de rever suas atitudes e com isso, reavalia também o passado de uma nação que não poupou esforços para reprimir os movimentos organizados em prol da liberdade de Angola, o que consequentemente comprometeu o futuro de todos os envolvidos nesse processo.

A respeito da memória e de suas relações com o passado, presente e futuro, Montolli (2013), afirma que:

A memória confere sentido ao passado como diferente do presente e do futuro e é como se tornasse épica a luta pela sobrevivência, possível na figura do narrador. Evocações da memória configuram o passado e a capacidade de reter, subjazendo a garantia de identidade e, igualmente, conferindo a imortalidade pelo lembrar os mortos. O que



é memorável não morre. Aliás, a morte não chega com a velhice, mas com o esquecimento. O reforço do revelar e exibir a sua individualidade enquadra a coragem de possibilidade e realização quotidiana, que nos reporta para a já clarificada diferença entre estar vivo e estar completamente vivo. Mais, o contar histórias revela o sentido sem cometer o erro de defini-lo, suscita o assentimento e a reconciliação com as coisas tal como são na realidade. [...] O carácter da revelação é específico da ação e do discurso, sendo representado e reforçado pela repetição. (MONTOLLI, 2013)

Nesse contexto, quando a personagem admite ter fracassado enquanto pessoa, ela também admite a ineficácia do regime autoritário que agiu de forma equivocada, não conseguiu manter os seus interesses, destruiu os lugares e a população nativa e além disso, também é o responsável pela situação constrangedora, deplorável e de marginalização dos soldados portugueses retornados da guerra:

A porta de África [...] um médico [...] examina-nos o mijo, a merda, o sangue, para que não infectemos o País do nosso pânico da morte, da lembrança do rapaz louro coberto por um pano no meu quarto, dos eucaliptos de Ninda e do enfermeiro sentado na picada de intestinos nas mãos, a olhar para nós num espanto triste de bicho. Trazemos o sangue limpo, Isabel: as análises não acusam os negros a abrirem a cova para o tiro da PIDE, nem o homem enforcado pelo inspetor na Chiquita, nem a perna do Ferreira no balde de pensos, nem os ossos do tipo de Mangando no telhado de zinco. Trazemos o sangue tão limpo como o dos generais nos gabinetes com ar condicionado de Luanda, deslocando pontos coloridos no mapa de Angola, tão limpo como o dos cavalheiros que enriqueciam traficando helicópteros e armas em Lisboa, a guerra é nos cus de Judas, entende, e não nesta cidade colonial que desesperadamente odeio, a guerra são pontos coloridos no mapa de Angola e as populações humilhadas, transidas de fome (ANTUNES, 1984)

Os sobreviventes da guerra em Angola, quando finalmente puderam retornar a Portugal, eram examinados para que não levassem com eles nenhuma doença contagiosa, capaz de por em perigo a nação portuguesa. No entanto, o que os médicos não poderiam prever, é que tais sobreviventes levariam com eles algo que não poderia ser detectado através dos exames médicos, mas que fazia toda a diferença: a memória.


Mayombe

O romance foi escrito no período em que Pepetela participou da guerra pela libertação de seu país. Por isso, *Mayombe* é uma narrativa que relata a organização dos combatentes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), trazendo à tona seus questionamentos, contradições, medos e convicções.

Os guerrilheiros que lutaram no interior da densa floresta tropical confrontaram-se não só com as tropas portuguesas, mas também com as diferenças culturais e sociais que buscavam superar em direção a uma Angola unificada e livre.

A narrativa é organizada por um narrador onisciente, mas a pluralidade de vozes narrativas permite que cada narrador-personagem deixe registrada a sua experiência da guerra. Assim, narradores-personagens, tais como Teoria, Milagre, Mundo Novo, Muatiânvua, André, Chefe do Depósito, Chefe de Operações, Lutamos, e o Comissário Político, expressam, cada um em sua vez, e por meio de uma identificação em itálico, precedida pela informação em negrito “Eu, o narrador, sou...”, as suas origens, os motivos que os levaram a aderir à guerra, a formação ideológica, o que pensavam da guerra, dos demais guerrilheiros, dos responsáveis, e da burocracia da organização do MPLA que acabou por emperrar o avanço da guerra, de acordo com os relatos dos próprios narradores.

Eu, o narrador, sou Milagre. Nasci em Quibaxe, região kimbundo, como o Comissário e o Chefe de Operações, que são dali próximo. Bazukeiro, gosto de ver os camiões carregados de tropa serem travados pelo meu tiro certo. Penso que na vida não pode haver maior prazer. A minha terra é rica em café, mas o meu pai sempre foi um pobre camponês. Eu só fiz a Primeira Classe, o resto aprendi aqui, na Revolução. Era miúdo na altura de 1961. Mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até o pescoço, cabeça de fora, e o tractor passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir a terra, para dar riqueza aos homens. Com que prazer destruí há bocado o buldozer! Era parecido com aquele que arrancou a cabeça do meu pai. O buldozer não tem culpa, depende de quem o guia, é como a arma que se empunha. Mas eu não posso deixar de odiar os tractores, desculpem-me. E eu fugi de Angola com a mãe. Era um miúdo. Fui para Kinshasa. Depois vim para o MPLA, chamado pelo meu tio, que era dirigente. Na altura! Hoje não é, foi expulso. O MPLA expulsa os melhores, só porque eles não se deixam dominar pelos kikongos que o invadiram. Pobre MPLA! Só na Primeira Região ele ainda é o mesmo, o movimento de vanguarda. E nós, os da Primeira Região, forçados a fazer a guerra aqui, numa



região alheia, onde não falam a nossa língua, onde o povo é contra-revolucionário, e nós que fazemos aqui? Pobre MPLA, longe da nossa Região, não pode dar nada! (PEPETELA, 1993)


O guerrilheiro Milagre, cuja voz está registrada no fragmento acima, demonstra prazer na destruição dos caminhões, prazer que se justifica pelo fato de ter testemunhado a morte do pai, cuja cabeça foi cortada por um destes caminhões, a serviço do colonizador.

Pela voz do guerrilheiro Milagre, temos acesso a uma questão que permeia toda a obra e constitui um dos pontos de conflito entre os guerrilheiros e que é justamente a questão do tribalismo. Para Milagre, o MPLA não valoriza os melhores guerrilheiros e fora invadido pelos Kikongos. Através da voz de Milagre também podemos perceber a importância da educação para o movimento, pois ele diz que não havia tido a oportunidade de estudar antes, mas que estudou no movimento.

O guerrilheiro Milagre não acredita que o MPLA teria a capacidade de impulsionar a luta na região, justamente porque as condições no local não eram favoráveis: a população não apoiava a revolução, e não falavam a mesma língua que os guerrilheiros. Sendo assim, na opinião do guerrilheiro Milagre, a guerra que nem tinha começado naquela região já estava fadada ao fracasso.

O guerrilheiro Teoria, por sua vez, se questionava a respeito dos motivos que teriam levado cada um dos guerrilheiros à guerra, pois sabia perfeitamente que a consciência política não poderia ser a única explicação:

Teoria sentia que o comandante também tinha um segredo. Como cada um dos outros. E era esse segredo de cada um que os fazia combater, frequentemente por razões longínquas das afirmadas. Porquê Sem Medo abandonara o curso de Economia, em 1964, para entrar na guerrilha? Porquê o Comissário abandonara Caxito, o pai velho e pobre camponês arruinado pelo roubo das terras do café, e viera? Talvez o Comissário tivesse uma razão mais evidente que os outros, sim. Porquê o Chefe de Operações abandonara os Dembos? Porquê Milagre abandonara a família? Porquê Muatiânvua, o desenraizado, o marinheiro, abandonara os barcos para agora marchar a pé, numa vida de aventura tão diferente da sua? E porquê ele, Teoria, abandonara a mulher e a posição que podia facilmente adquirir? Consciência política, consciência das necessidades do povo?




Palavras fáceis, palavras que, no fundo, nada diziam. Como age em cada um deles essa dita consciência? (PEPETELA, 1993)

Apesar dos segredos que cada um dos guerrilheiros guardava para si e raramente partilhava com os demais, e dos motivos que impulsionava cada um deles para o combate, mesmo nas condições mais adversas, os problemas relacionados ao abastecimento dos alimentos poderia comprometer o avanço da guerra na região, uma vez que afetava a disposição para lutar e até mesmo a relação entre os guerrilheiros, conforme se relata no fragmento abaixo:

A comida acabara. Mesmo a presa caçada pelo Chefe de Operações. Os homens iam cada vez mais longe apanhar comunas, pois as árvores que estavam perto da Base já se tinham esgotado. [...] Havia vários guerrilheiros com diarreia, causada pelo óleo do fruto. [...] Há quatro dias que o Chefe de Operações partira. Tinha enviado logo um mensageiro, avisando que a comida seguiria breve. Mas os dias passavam e o reabastecimento não chegava. [...] A sensação de fome aumentava o isolamento. (PEPETELA, 1993)

Para os guerrilheiros, o descaso dos responsáveis com o abastecimento de alimentos e outros itens imprescindíveis era proposital, pois tal irresponsabilidade significava para eles uma clara intenção de sabotar o movimento: “O que está em causa é a luta. A nossa última acção mostrou que há condições para a luta alastrar aqui. O que falta é organização. O André está pois a sabotar o desenvolvimento da guerra. (PEPETELA, 1993)

A desorganização do movimento, expressa na incapacidade dos responsáveis de providenciarem alimentação suficiente e adequada ao número de guerrilheiros enviados para a Base do comandante Sem Medo, seria então a explicação para o fracasso da guerra naquela região, já que apesar de tantos obstáculos, os guerrilheiros estavam dispostos a lutar, e só não conseguiam atingir os seus objetivos porque a falta de comida os obrigavam a desperdiçar suas energias na mata, em busca de alimento, o que os deixavam sem condições de colocar em prática os planos de ação elaborados pelo comandante.



Além da reflexão a respeito das atitudes dos responsáveis, mais preocupados em manter seus privilégios do que em fazer avançar a guerra, os guerrilheiros também tinham uma posição crítica a respeito dos limites e consequências da guerra. É o que podemos depreender do que diz o comandante Sem Medo em conversa com o guerrilheiro Mundo Novo:

O que sei, o que queria que compreendesses, é que essa revolução que fazemos é metade da revolução que desejo. Mas é o possível, conheço os meus limites e os limites do país. O meu papel é o de contribuir a essa meia revolução. Por isso vou até ao fim, sabendo que, em relação ao ideal que me fixei, a minha acção é metade inútil, ou melhor, só em metade é útil. (PEPETELA, 1993)

Em resposta do comandante Sem Medo, o guerrilheiro Mundo Novo também demonstra que tem consciência das limitações e possibilidades daquele momento e de que, enquanto guerrilheiros, o papel que lhes cabe é preparar o país para o futuro:

Eu sei que o comunismo não será conquistado já, comigo em vida, que o mais que conseguiremos é chegar ao socialismo. São precisos muitos anos para vencer as relações de produção capitalistas e a mentalidade que elas deixam. (PEPETELA, 1993)

Nesse contexto, talvez o maior legado do romance *Mayombe* seja justamente deixar registrado que os guerrilheiros que lutaram pela libertação de Angola não eram, de forma alguma, homens excepcionais, seres superiores, heróis cujo destino estava fadado a livrar o país do colonizador. Ao contrário, a pluralidade de vozes deixa claro que os guerrilheiros eram homens comuns, com seus medos, anseios, angústias, motivos e preconceitos difíceis de superar, mesmo quando o objetivo era justamente a união de forças em torno de uma causa maior: a libertação de Angola.

Nesse sentido, a obra de ficção, através da narrativa de Pepetela, deixa registrado para as gerações futuras, que apesar de tudo, os guerrilheiros tinham um pensamento em comum, ou seja, todos eles aspiravam por tempos melhores, o que só seria possível quando o país estivesse livre da exploração a que fora submetido pelo colonizador. E essa necessidade de libertar o país e as gerações futuras era suficiente para motivá-los a fazer a guerra de libertação.

Considerações Finais

Nos limites desse artigo, nos propusemos a analisar as possíveis relações entre Ficção, História e Memória nos romances *Os cus de Judas* e *Mayombe*, e esperamos ter conseguido demonstrar, através da análise de fragmentos das obras em questão, que ambas se utilizam da memória como um recurso para promover o diálogo com o passado e assim reconstituir os acontecimentos históricos através da obra de ficção.

Em *Os cus de Judas*, o narrador-personagem dialoga com o passado, resgatando os acontecimentos através da memória que conserva deles, e dessa forma, parece se redimir do remorso que sente por ter silenciado no passado. Assim, se naquela ocasião o medo o levou a silenciar, no presente da narrativa, o médico psiquiatra parece não ter mais o que temer, e pode, portanto, se reconciliar consigo mesmo, oferecendo a história da guerra em Angola, à memória dos colegas mortos, e dessa forma, pagar a sua dívida para com eles.

Em *Mayombe*, a narrativa, constituída pela multiplicidade de vozes dos guerrilheiros, é um registro da luta pela libertação de Angola que seguramente servirá como história para a geração futura, uma vez que os guerrilheiros sabem que não viverão para colher os frutos da revolução que fizeram, mas é preciso que tanto trabalho seja revisitado no futuro.

Nesse contexto, e de acordo com o caminho percorrido durante a análise da obras, uma das possibilidades de relação entre ficção, história e memória em cada uma delas, poderia ser assim estabelecida: em *Os cus de Judas*, o narrador reconta a história da guerra em Angola, em diálogo com o passado, através da memória e por intermédio da obra de ficção. E, em *Mayombe*, a memória de um passado de miséria, opressão e exploração dos recursos minerais e humanos, impostos pelo colonizador português, impulsiona os guerrilheiros para a luta, em busca de uma Angola independente, ou seja, em busca de um futuro melhor, de transformação da história de um povo. E esse momento de luta, que constitui justamente o presente da narrativa, é registrado pela obra de ficção.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

Le GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LEMLIJ, Moisés & MILLONES, Luis. *Historia, Memoria y Ficción*. Lima, Perú: Cauces Editores, 2014. (Edição Digital)

MONTOLLI, Carolina. *História, Discurso e Memória: Crimes da Ditadura Militar na Perspectiva Internacional*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2013. KOBO EPUB

PEPETELA. *Mayombe*. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1993. (Edição Digital)

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

SILVA, Haidê. *A metaficção historiográfica no romance Os cus de Judas de Antonio Lobo Antunes*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.